

REMUNERAÇÃO DOS OCUPADOS NA AGROPECUÁRIA CRESCE NOVAMENTE EM 2023 E ACUMULA UMA ALTA REAL DE 11,3% DESDE O PERÍODO PRÉ-PANDEMIA

Em 2023, mantendo a tendência de longo prazo, o setor perdeu ocupações informais, mas registrou estabilidade nas ocupações formais. Por sua vez, a remuneração média mensal dos ocupados nessas atividades aumentou pelo segundo ano consecutivo, alcançando o maior patamar de toda a série histórica. O desenvolvimento da agropecuária ajudou a dinamizar a economia dos principais estados do setor, contribuindo para uma taxa de desocupação menor nesses locais.

Em termos de volume de produção, o ano de 2023 foi muito positivo para a agropecuária brasileira, uma vez que o clima mais favorável e a boa produtividade resultou em uma safra agrícola recorde. Com isso, de acordo com o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) do setor cresceu 15,1% no ano passado, a maior expansão anual das atividades agropecuárias de toda a série histórica (iniciada em 1997).

Embora a indústria (1,6%) e o setor de serviços (2,4%) também tenham apresentado variações positivas, foram em intensidades bem menores do que a registrada pela agropecuária. Com isso, por mais um ano, a atividade realizada “dentro da porteira”, junto com a indústria extrativa, foi um dos principais motores da economia do país.

Nesse sentido, com base nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE, o Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro) teve o objetivo de analisar como o bom momento do setor em 2023¹ refletiu no seu mercado de trabalho. Para isso, foi considerado tanto o número de pessoas ocupadas, a formalidade e a informalidade dessas ocupações, bem como as remunerações médias mensais e a taxa de desocupação nas regiões em que o universo agro é a atividade econômica predominante.

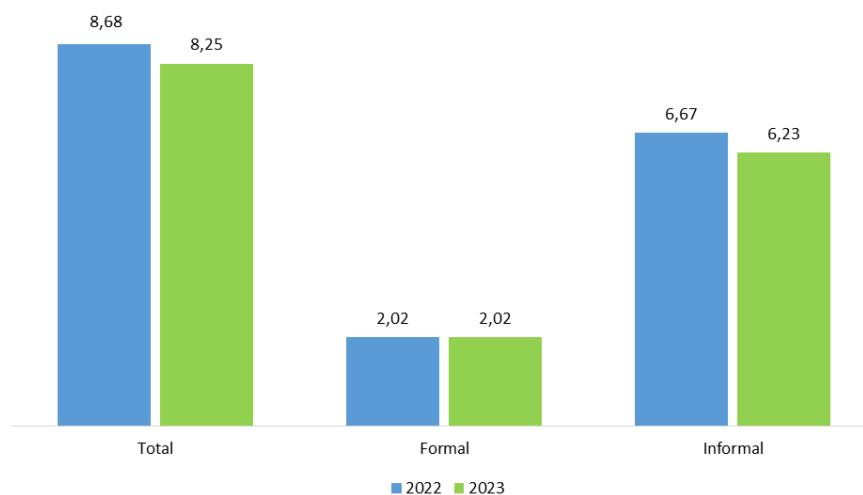
População ocupada da agropecuária contraiu em 2023, mas por conta, exclusivamente, dos informais

Em 2023, a população ocupada da agropecuária caiu 5,0% frente ao ano anterior, passando de 8,68 milhões para 8,25 milhões de pessoas – uma perda de 432,99 mil postos de trabalho. Contudo, é importante destacar que essa redução no número de ocupações foi causada,

¹ Comparações anuais utilizando a média dos quatro trimestres de cada ano.

exclusivamente, pela redução das vagas informais², uma vez que as formais³ apresentaram estabilidade. Ou seja, entre 2022 e 2023, a população ocupada informal “dentro da porteira” contraiu 6,5%, refletindo em uma perda de 435,31 mil ocupações. Já as vagas formais mantiveram-se praticamente estáveis (+0,1%), correspondendo a criação de 2,32 mil postos de trabalho (Gráfico 1).

Gráfico 1. População ocupada da agropecuária (total, formal e informal), em 2022 e 2023 (milhões de pessoas)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

É válido ressaltar que, no entanto, a redução dos postos de trabalho na agropecuária não é algo exclusivo do ano de 2023, uma vez que há claramente uma trajetória de queda refletida nos dados. Isto é, desde 2016 (início da série histórica para abertura dos formais e informais) até o ano passado, houve perda de 791,25 mil ocupações na atividade agropecuária do país (Gráfico 2). Essa queda, assim como em 2023, ocorreu exclusivamente por conta dos informais (Gráfico 3).

Logo, fica claro que o setor agropecuário está ficando, ao longo do tempo, menos intensivo em trabalho e mais intensivo em tecnologia. Isso fez com que a demanda por profissionais mais

² Em informais estão: empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada; trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada; empregado no setor público sem carteira de trabalho assinada; e empregador sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), conta própria sem CNPJ e trabalhador familiar auxiliar.

³ Em formais estão: empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada; trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada; empregado no setor público com carteira de trabalho assinada; militar e servidor estatutário; empregador com CNPJ; e conta própria com CNPJ.

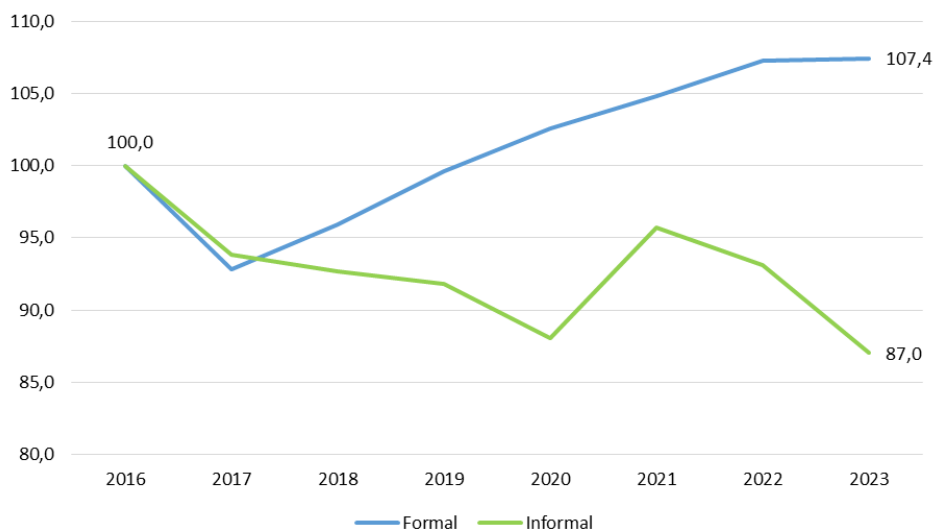
qualificados aumentasse. Essa expansão da qualidade do mercado de trabalho associado ao setor fica mais nítido quando se observa que as ocupações formais estão crescendo enquanto as informais contraindo, considerando um período maior (Gráfico 3).

Gráfico 2. Evolução da população ocupada da agropecuária (milhões de pessoas)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Gráfico 3. Evolução da população ocupada formal e informal da agropecuária (Índice de Base Fixa, 2016 = 100)

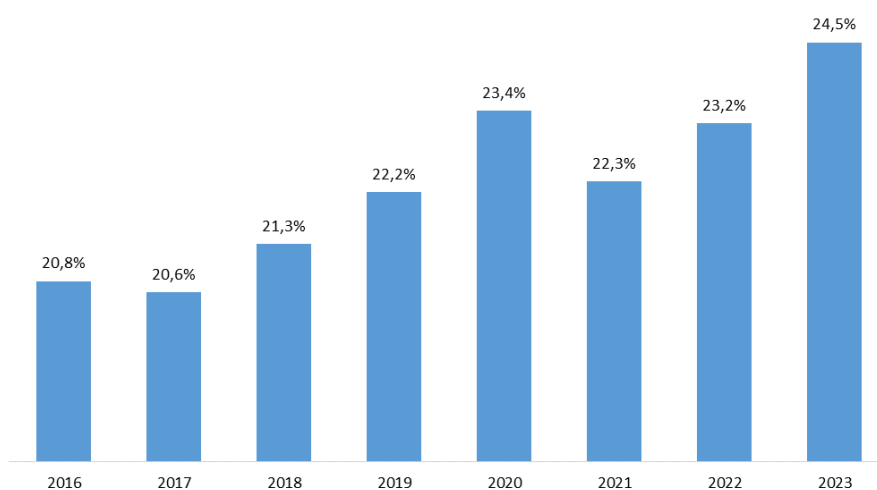


Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Como o número de ocupações formais no agro se manteve estável entre 2022 e 2023 e o de informais contraiu de forma expressiva (-6,5%) (Gráfico 3), a taxa de formalidade⁴ do mercado de trabalho aumentou, passando de 23,2% para 24,5% no período, correspondendo à maior taxa de formalidade da agropecuária de toda a série histórica (Gráfico 4).

Antes de prosseguir, vale ressaltar que o mercado de trabalho da atividade “dentro da porteira” tem uma peculiaridade diferente das demais atividades econômicas: grande parte dos produtores rurais trabalham como pessoa física, não possuindo Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Logo, esses trabalhadores acabam sendo classificados na PNADC como ocupados informais. Isso explica, em parte, a menor taxa de formalidade do universo agro quando comparada ao restante do mercado de trabalho brasileiro (57,9%).

Gráfico 4. Evolução da taxa de formalidade do mercado de trabalho da agropecuária (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Aumento da remuneração na agropecuária foi puxado tanto pelos formais quanto pelos informais

Embora o número de ocupados na agropecuária tenha reduzido na passagem de 2022 para 2023, a remuneração média real⁵ mensal do setor aumentou 2,1%, passando de R\$ 1.855,94 para R\$ 1.894,89 (Gráfico 5). Ou seja, mesmo após um crescimento anual de 7,7% em 2022, a

⁴ Calculada pela razão entre a população ocupada formal e a população ocupada total.

⁵ Valores deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE (base: novembro/2022).

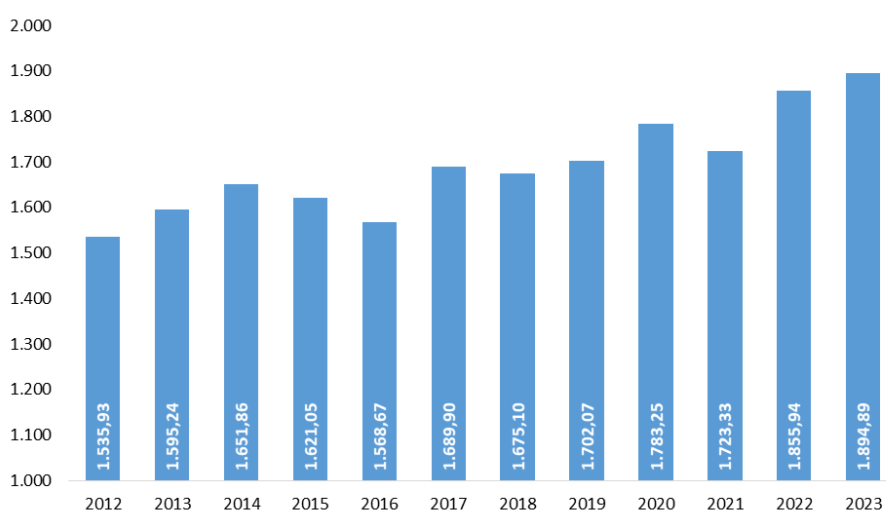
remuneração média do mercado de trabalho agropecuário registrou novamente robusta expansão – com isso, desde o período pré-pandemia (2019), a agropecuária acumula uma alta real de 11,3% em sua remuneração média; já o mercado de trabalho brasileiro acumula uma expansão de apenas 1,5%.

É importante destacar que o crescimento da remuneração em 2023, em relação a 2022, foi causado tanto pelos informais quanto pelos formais, uma vez que ambos tiveram seus rendimentos aumentados em, respectivamente, 3,7% e 4,1% (Gráfico 6).

Antes de prosseguir, é válido salientar que, assim como a tendência de redução do pessoal ocupado na agropecuária já é observada há tempos, a trajetória de aumento da remuneração média mensal do setor também é bem nítida, e isso se mantém quando se desagrega a remuneração média dos trabalhadores por categoria de ocupação (isto é, formais e informais).

Entre 2016 e 2023, a remuneração média mensal real do setor cresceu 20,8%⁶. No mesmo período, os formais registraram um aumento de 22,3% e os informais de 17,7% em suas remunerações. Para ter uma base de comparação, no mesmo período, a remuneração paga pela média de todos os setores econômicos brasileiros cresceu, em termos reais, 4,6% (sendo que a dos formais cresceu 3,2% e a dos informais, 7,2%) – ou seja, ritmo muito menos intenso do que o verificado na atividade agropecuária (Gráfico 7).

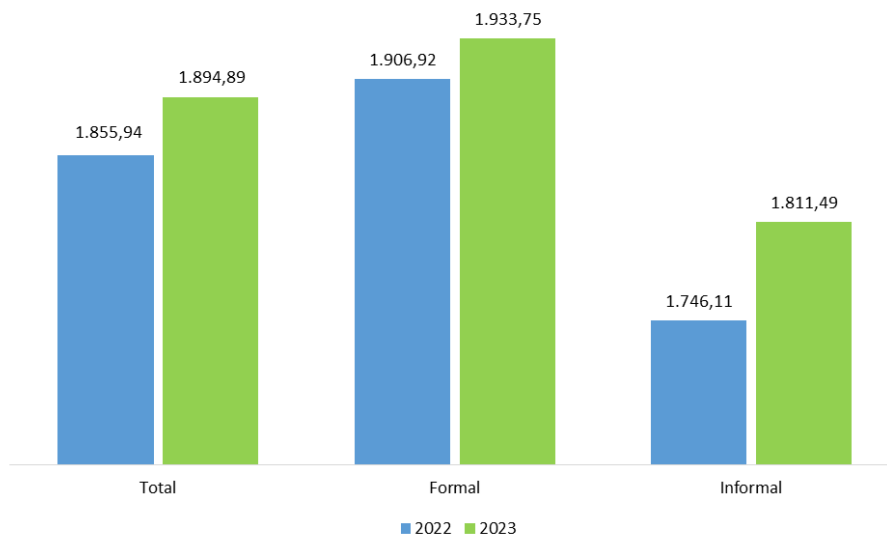
Gráfico 5. Evolução da remuneração real média mensal da agropecuária (R\$)



⁶ Quando a comparação é feita com 2012, início da série histórica para os dados menos detalhados, a expansão é de 23,4%. No mesmo período, a remuneração média mensal do Brasil aumentou em uma proporção bem menor: 6,7%.

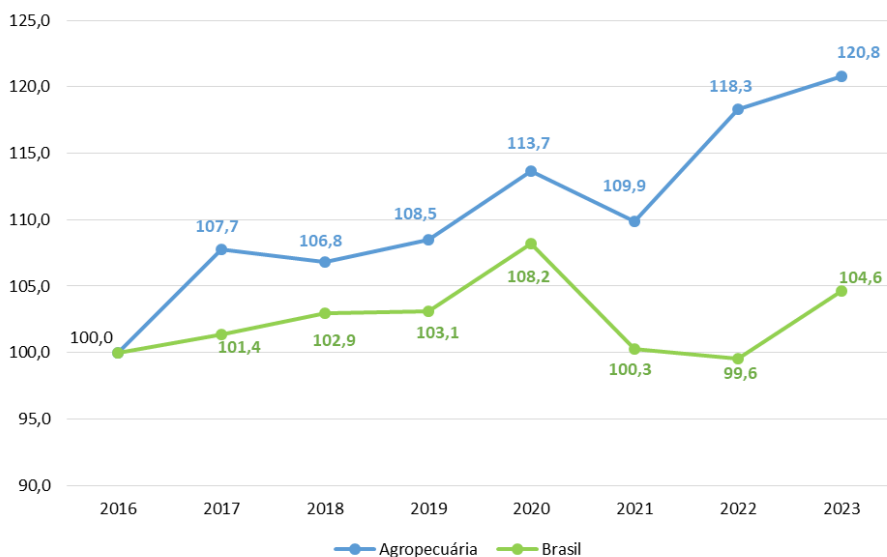
Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Gráfico 6. Remuneração média mensal real do pessoal ocupado na agropecuária (total, formal e informal), em 2022 e 2023 (R\$)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Gráfico 7. Evolução da remuneração média mensal real da agropecuária e da média do mercado de trabalho do Brasil (Índice de Base Fixa, 2012 = 100)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Ou seja, como foi visto anteriormente, na agropecuária, a perda de ocupações foi causada, exclusivamente, pelos informais, uma vez que teve leve aumento (estabilidade) dos formais. Além disso, houve expansão da remuneração tanto dos formais quanto dos informais.

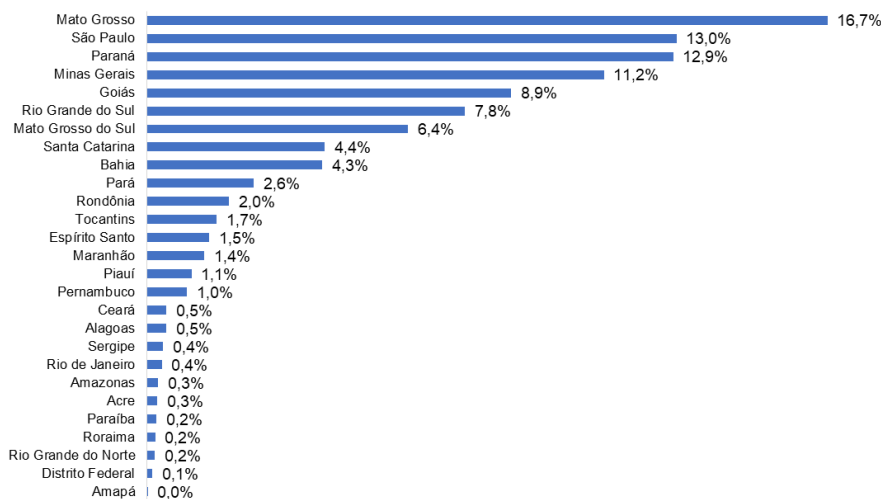
Logo, fica claro que a agropecuária perdeu mão de obra informal que, na média, recebia uma remuneração menor – isso fez com que a remuneração média mensal dos informais crescesse. Ao mesmo tempo, a atividade “dentro da porteira” contratou mais profissionais em atividades formais pagando, na média, uma remuneração mensal maior – isso fez com que a remuneração média dos formais aumentasse também.

Dessa forma, apesar de ter perdido ocupações entre 2022 e 2023, o setor agropecuário ficou mais intensivo em capital, liberou ocupações informais e demandou profissionais mais qualificados. A consequência foi, portanto, uma remuneração média mensal maior - que é 11,3% superior ao verificado no período pré-pandemia.

Considerando o recorte regional, em 24 Unidades da Federação, em relação a 2019, a remuneração média da agropecuária registrou um desempenho melhor do que a média de todas as atividades do estado.

Em 2023, as principais Unidades da Federação em termos de Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária, foram Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina. Juntos, esses estados responderam por 81,3% do VBP da atividade no período, de acordo com o Ministério da Agricultura e Pecuária (Gráfico 8).

**Gráfico 8. Valor bruto da produção agropecuária por Unidade da Federação, em 2023
(participação no total no Brasil - %)**



Fonte: Mapa. Elaboração: FGV Agro.

Com exceção de Minas Gerais, todas as principais Unidades da Federação, em termos de VBP da agropecuária, registraram um crescimento, entre 2019 e 2023, mais intenso da remuneração paga pela agropecuária do que aquela paga pela média de todos os setores econômicos do estado (Tabela 1).

No caso do Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso – ou seja, potências da agropecuária – a remuneração paga aos trabalhadores “dentro da porteira” cresceu tanto que se tornou, na média, maior do que àquela paga aos trabalhadores de todos os setores do estado. Por exemplo, em Goiás, uma pessoa ocupada na agropecuária recebeu, em 2023, uma remuneração média 19,9% maior do que a média da remuneração do estado; em 2019, uma pessoa ocupada no agro recebia, em média, 89,0% do que a remuneração média mensal do estado. (Tabela 1).

Já São Paulo, Paraná, Santa Catarina e outras dezessete Unidades da Federação, apesar de ainda o trabalhador do agro receber, na média, uma remuneração mensal menor do que a média estadual, a diferença entre essas remunerações diminuiu entre 2019 e 2023, uma vez que a remuneração paga pelo agro cresceu em uma maior intensidade do que o total (Tabela 1).

Ou seja, entre 2019 e 2023, em 20 Unidades da Federação do país, a diferença, entre a remuneração da agropecuária e a total diminuiu e em 4 Unidades da Federação a

remuneração pela agropecuária ficou maior do que a paga pela média de todos os setores (Tabela 1).

A diferença entre a remuneração da agropecuária e a total somente não diminuiu no Distrito Federal, no Amapá e em Minas Gerais. Porém, é importante ressaltar que, com exceção de Minas Gerais, essas Unidades da Federação têm pouca expressividade na atividade agropecuária brasileira (Tabela 1).

Tabela 1. Remuneração média real mensal das atividades agropecuárias e total (variação entre 2019 e 2023 e razão entre a remuneração da agropecuária e total, em 2019 e 2023)

Unidade da Federação	Variação da remuneração entre 2019 e 2023		Remuneração do Agro / Remuneração Total	
	Agropecuária	Total	2019	2023
Goiás	48,5%	10,2%	89,0%	119,9%
Mato Grosso	30,0%	9,7%	93,8%	111,1%
Mato Grosso do Sul	25,5%	11,7%	94,3%	106,0%
Rio Grande do Sul	24,4%	0,2%	84,5%	104,9%
Rondônia	13,1%	6,4%	84,3%	89,7%
Santa Catarina	6,4%	3,5%	81,9%	84,2%
Tocantins	20,5%	8,5%	74,0%	82,2%
São Paulo	0,6%	-2,5%	77,8%	80,3%
Paraná	1,1%	-1,3%	77,8%	79,7%
Minas Gerais	1,2%	8,7%	80,5%	74,9%
Roraima	34,7%	-3,8%	53,5%	74,8%
Espírito Santo	24,3%	6,2%	60,5%	70,7%
Acre	21,6%	2,8%	56,8%	67,2%
Brasil	11,3%	1,5%	59,5%	65,3%
Paraíba	58,6%	2,7%	39,4%	60,9%
Pará	15,0%	9,3%	57,7%	60,7%
Alagoas	8,3%	-1,7%	52,9%	58,3%
Maranhão	32,4%	5,7%	40,4%	50,6%
Bahia	2,4%	-3,1%	46,9%	49,5%
Distrito Federal	-39,2%	-3,8%	77,5%	49,0%
Rio de Janeiro	9,5%	2,8%	43,8%	46,7%
Amapá	-14,3%	7,1%	56,3%	45,0%
Pernambuco	17,9%	-3,2%	34,9%	42,5%
Sergipe	10,1%	2,0%	38,6%	41,6%
Amazonas	36,3%	2,1%	30,1%	40,2%
Rio Grande do Norte	3,1%	-0,5%	38,7%	40,1%
Ceará	23,7%	-4,0%	29,0%	37,4%
Piauí	27,5%	25,9%	31,3%	31,7%

Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

A remuneração paga pela agropecuária dos estados do Centro-Oeste é maior do que àquela paga pela média da indústria de transformação paulista

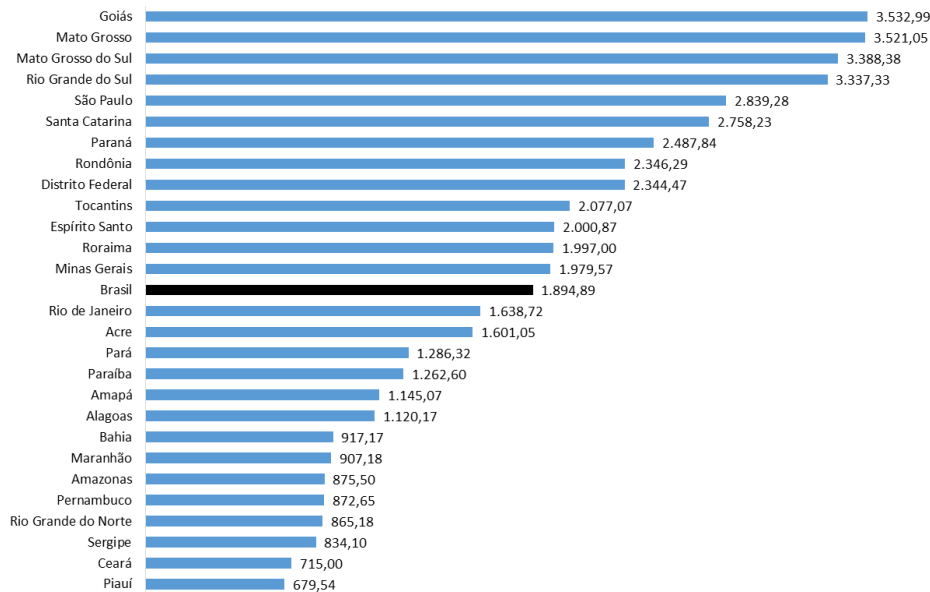
Atualmente, em termos de remuneração média real mensal da agropecuária há, claramente, dois “Brasis”. Um formado pelas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, locais em que a atividade, de modo geral, é mais dinâmica, mais profissional, que usam uma intensidade maior de tecnologia de ponta, têm grandes condições de competição e, naturalmente, têm forte relevância na agropecuária brasileira. Nesses locais, os trabalhadores recebem, na média, uma remuneração mensal maior. O outro é formado pelas regiões Norte e Nordeste (com exceção de Rondônia, Tocantins e Roraima), que contam com um universo agro ainda menos dinâmico e que, portanto, pagam uma remuneração média menor (Gráfico 9).

Nesse sentido, vale ressaltar que Goiás, em 2023, foi o estado que melhor remunerou os trabalhadores da agropecuária, pagando, por mês, em média, R\$ 3.532,99. Em seguida estão o Mato Grosso (R\$ 3.521,05), Mato Grosso do Sul (R\$ 3.388,38) e Rio Grande do Sul (R\$ 3.337,33) (Gráfico 9).

Destaca-se que a remuneração paga aos trabalhadores da agropecuária dos estados citados anteriormente, no período, foi maior, até mesmo, do que aquela paga aos trabalhadores da indústria de transformação de São Paulo (R\$ 3.314,02) e do Rio de Janeiro (R\$ 3.079,76) – lembrando que essas Unidades da Federação têm os parques industriais mais desenvolvidos e diversificados do país, pagando as maiores remunerações da indústria de transformação e, na média, têm ocupações mais formalizadas.

As piores remunerações do agro foram registradas no Piauí (R\$ 679,54), Ceará (R\$ 715,00) e Sergipe (R\$ 834,10). Ou seja, em 2023, um trabalhador da agropecuária no estado de Goiás recebeu, em média, R\$ 2.853,44 a mais do que uma pessoa ocupada no mesmo setor do Piauí, ou seja, uma diferença de mais de 420%! (Gráfico 9).

Gráfico 9. Remuneração média real mensal das atividades agropecuárias, por Unidade da Federação, em 2023 (R\$)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Estados em que a agropecuária é mais dinâmica têm, de modo geral, as menores taxas de desocupação

As Unidades da Federação em que a agropecuária é bem desenvolvida e que pagam melhores remunerações são as que, de modo geral, têm as menores taxas de desocupação. Ou seja, possivelmente, o desenvolvimento dessa atividade ajuda a estimular toda a economia local, contribuindo para a redução das taxas de desocupação.

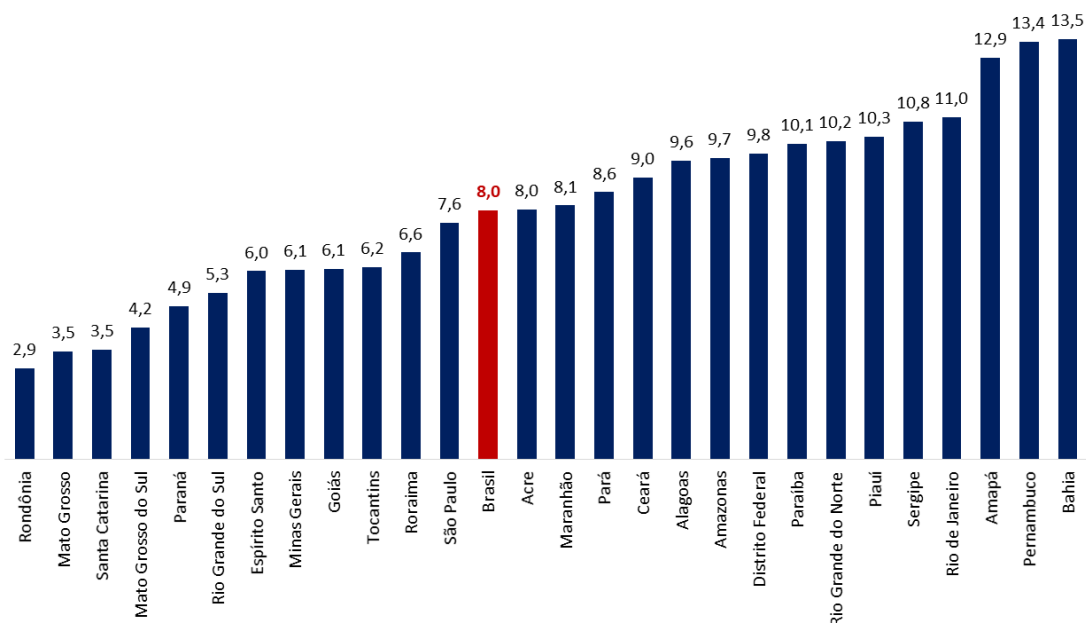
O desenvolvimento da atividade agropecuária dinamiza os setores à montante (por exemplo, indústria de insumos de produção) e à jusante (como agroindústria, comércio e serviços), o que, certamente, contribui para a redução das taxas de desemprego na região.

Além disso, a dinamização da atividade agropecuária exige maior incorporação de tecnologia. Isso demanda profissionais mais qualificados e que recebem maiores remunerações. Esses maiores salários aquecerão o consumo de produtos de outros setores locais, como a indústria e, principalmente, os serviços.

Ao mesmo tempo, ao tornar-se mais intensiva em capital, a agropecuária libera mão de obra que será absorvida em outras atividades que, por sua vez, estarão mais aquecidas por conta, notadamente, do aumento da demanda causada pela renda gerada pela produção agropecuária. Isso explica parte relevante da menor taxa de desocupação nesses locais.

Dessa forma, em 2023, as maiores remunerações da agropecuária foram pagas nos seguintes locais: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rondônia, Distrito Federal, Tocantins, Espírito Santo, Roraima e Minas Gerais. Esses estados foram, justamente, os que apresentaram as menores taxas de desocupação (isto é, menores do que a taxa de desocupação média brasileira), no período (Gráfico 10). A única exceção foi o Distrito Federal, porém, nessa região, a agropecuária representa apenas 1,3% dos postos de trabalho.

Gráfico 10. Taxa de desocupação por Unidade da Federação, em 2023 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV Agro.

Portanto, observa-se que, entre 2019 e 2023, o desenvolvimento da produção agropecuária implicou positivamente no mercado de trabalho associado a essa atividade, em termos de remuneração média real mensal. Ou seja, em grande parte das Unidades da Federação, a remuneração paga aos trabalhadores “dentro da porteira” cresceu em uma maior intensidade do que a dos demais setores econômicos.

Isso fez com que, a diferença entre a remuneração média do setor e a total ficasse menor ao longo do tempo e, nos casos de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, a remuneração do pessoal ocupado “dentro da porteira” ficou maior do que a do mercado de trabalho total.

Além disso, fica claro que, nos principais estados do agro, as taxas de desocupação foram menores em 2023 relativamente às demais Unidades da Federação, o que sugere que o desenvolvimento da agropecuária colabora para a dinamização da economia estadual, de forma que seus benefícios não fiquem associados apenas ao setor primário.